



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Desfiguração em Arte Visual II.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.1 n.4 outubro 2020

Periodicidade: quinzenal

Capa: Creature. Lygia Clark, 1964.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

PRÓLOGO

O que isto quer dizer?

Talvez já tenham ouvido alguém manifestar seu espanto diante de uma Obra de Arte por não conseguir apreender seu sentido ou significado, especialmente quando a imagem não se assemelha a nada que se conhece.

Normalmente quem diz ou pensa deste modo está comparando a imagem que vê com outras que viu ao longo de sua vida e que, de um modo ou de outro, as reconheceu: ambientes, paisagens, coisas, objetos, animais, pessoas e tudo aquilo que foi capaz de identificar na imagem.

Entretanto, no campo da Arte Visual há imagens que não correspondem nem figuram nada do que se conhece, visualiza ou imagina são “Desfiguradas”, não figurativas ou, pode-se dizer também, *Abstratas*.

Nesse caso o sentido de *Abstrato* aqui não é a da não significação, mas do afastamento, subversão e não identificação ou não reconhecimento com o que se conhece em relação ao que se vê, no entanto, toda e qualquer imagem significa:

Toda imagem é uma configuração visual geradora de sentido.

Esta é a definição que uso como recurso conceitual no conhecimento das imagens.

A significação não se restringe apenas à representação, narrativa ou ilustração de um fato, cena ou acontecimento, mas a uma proposição em que a *Forma*, a *Configuração Formal*, estrutural, conceitual, propositiva define seu sentido independente de ter ou não semelhança com o visível. Constatase assim que na Arte Visual há imagens que não mostram figuras conhecidas, ou seja, podem ser desfiguradas ou *Não Figurativas* e por isto parecem não ter nenhum significado, daí a pergunta: O que isto quer dizer? Falei a respeito do percurso da Desfiguração na Arte Visual, especialmente no contexto da Modernidade, na edição anterior desta revista. Se ainda não leu, vale a pena voltar a ela para facilitar a leitura do artigo atual.

Embora, para o apreciador comum, reconhecer imagens como coisas do mundo, do cotidiano lhe dê segurança, nem tudo que se mostra parece com o que se vê e nem por isto deve ser considerado menos Arte. Como vimos, no campo da Arte Visual há imagens que não correspondem a nada daquilo que se conhece, que se viu ou imaginou. São irreconhecíveis como coisas do mundo, então seriam Não Imagens? Não! Na Arte Visual são classificadas de *Abstratas*. *Abstração* não se refere a não significação, mas sim a imagens que não se identificam com o mundo natural, logo, não se pode comparar o que se vê numa Obra de Arte com o que se conhece no mundo, portanto, toda imagem tem significado.

Entre a primeira e a segunda década do século XX surgiram manifestações artísticas que não se referiam às coisas do mundo natural, ou seja, o que os artistas faziam não correspondia mais ao que se conhecia nem re-conhecia no entorno.

Na História da Arte esse período é considerado como o início do Modernismo durante o qual ocorreram as chamadas Vanguardas Históricas ou Artísticas: Um momento de inovação e também de ruptura com a Arte do passado tradicional e clássica. Chamei de *Desconfiguração* a esta ruptura com o visível naturalista ou tradicional.

As transformações realizadas desde o Impressionismo, depois o Expressionismo e outros “ismos”, possibilitaram aos artistas a liberdade necessária para ousar e principalmente para experimentar.

Vários foram os artistas, manifestos, movimentos que propuseram novas soluções estéticas e conceituais para a Arte Visual desde então.

Entre eles estão os que abdicaram de qualquer referência ao mundo natural chamados de *Abstracionistas* por trabalharem com imagens inventadas, criadas a partir da experimentação de formas, grafias, cores e texturas.

Neste caso a Desfiguração se refere ao afastamento completo do mundo natural e a imersão total na criação.

Minha preocupação é esclarecer como os modos de fazer Arte mudam, se transformam com o passar do tempo e mudanças de lugar, assim entendo os estudos da História da Arte Visual.

Quando os artistas Expressionistas deixam de seguir a lógica racional e representativa, alterando as imagens ao seu gosto e estilo, ainda assim era possível identificar coisas do mundo. Mesmo que não respeitassem aspectos como anatomia, espaço, cor ou formas, ainda assim era possível identificar as coisas às quais se referiam.

Eles alteravam, deformavam as coisas, embora se parecessem com o que se conhecia eram distorcidas. No entanto, no caso da *Abstração*, as Obras não se parecem nem um pouco com o que se conhece, portanto, não há mais parâmetros para comparação, cada imagem é original, exclusiva e autônoma.

A identidade se desenvolve a partir das proposições dos artistas, dos modos como lidam com os materiais, instrumentos e estratégias discursivas, formas, cores, gestos e texturas entre outros recursos formais. Este caminho possibilitou o desenvolvimento das estratégias personalistas que são comuns na Arte Visual da atualidade.

Quando as imagens deixam de se referir ao mundo passam a se referir a elas mesmas, pois como não têm, nem fazem referência a algo conhecido, a relação comparativa desaparece, ou seja, o parâmetro e o referencial de observação e análise recai sobre a própria obra.

Nesse caso é necessário estabelecer processos de análise que contemplem essas novas proposições. Antes, para a Arte Tradicional as análises se dedicavam a vários aspectos que podiam ser, por exemplo: Habilidades e procedimentos técnicos no uso, apropriação e representação da visualidade;

Assuntos ou gêneros como paisagens, retratos ou natureza morta; Temas como fatos, eventos históricos, heroicos, morais, religiosos, míticos ou alegóricos. Enfim, as aproximações, análises e crítica sobre tais obras recorriam aos aspectos mais visíveis e, eventualmente, prosaicos, desde que seguissem o gosto, interesse, determinação do meio ou uma encomenda eram válidas.

A Arte Moderna rompe com esse modelo ou processo e busca sua autonomia estética, liberdade expressiva e de criação. Assim, a autonomia do autor é que determina tanto os processos discursivos quanto os modos de apreciação.

A Arte Visual, ao deixar para trás a concepção clássica tradicional, precisa estabelecer novos paradigmas para consolidar-se como uma nova tendência.

A antiga Arte Clássica das Academias do Renascimento conseguem estabelecer sua hegemonia reforçada pelas Academias de Belas Artes francesas no século XIX e se torna um modelo de ensino e manutenção do pensamento conservador dominante.

É contra esse pensamento que os artistas, a partir do século XIX, insurgem e passam a investir em propostas transformadoras, sejam de caráter ideológico, social ou *Plástico*.

E por falar em *Plástico*, não estamos falando de polímeros sintéticos usados para produzir objetos utilitários ou brinquedos, mas sim do princípio gerador do que chamamos de *Artes Plásticas*.

Plastikós, do grego, se refere às propriedades elásticas da argila que a torna capaz de aceitar as alterações impostas a ela quando modelada ou moldada. Sua capacidade de aceitar e manter as formas que lhe são aplicadas inspirou os artistas a chamarem de *Artes Plásticas* aos procedimentos técnicos sobre os materiais que aceitavam sua manipulação e mantinham a forma e aparência.

Pode-se dizer que o conceito de Artes Plásticas se refere aos procedimentos e às Obras de Arte que surgem com o advento do Modernismo e, assim, se distinguem do conceito de Belas Artes. Fiz estas distinções no Volume 1 Número 1 desta publicação.

É possível dizer também que o conceito de Artes Plásticas representa a liberdade e autonomia estética enquanto Belas Artes representa a vinculação a um passado rígido e conservador.

Nesse caso tudo o que o Artista toca ou faz no Modernismo tem como pano de fundo a experimentação e a inovação, por isso surgem tantos “ismos”.

Para entender um pouco mais esta classificação artística, além da manipulação direta dos materiais na elaboração/criação de suas obras, vão surgir outras possibilidades em que a manipulação não ocorre diretamente sobre a matéria, mas passam a ser intermediadas por aparelhos óticos. Neste caso, o campo de abordagem da Arte, se amplia com o surgimento da Fotografia e seus sucedâneos como o cinema, a animação, vídeo e audiovisual, assim instaura-se o conceito de *Arte Visual*.

Espero ter esclarecido porque se chama de Arte Visual ou Artes Visuais as manifestações atuais.

Bem, como essa *Desfiguração* se manifesta?

O princípio de tudo está vinculado à questão da *Plástica*, ela é a base para o desenvolvimento desse tema. Como disse, a *Plástica* passa a ser uma das referências visuais para as obras que surgem a partir do Modernismo. Basta pensar que os temas e assuntos tradicionais deixaram de ser importantes para esses artistas, logo, seus trabalhos versariam sobre o que?

Aqui entra a ideia de experimentação e os processos de investigação que desenvolvem na exploração de novas possibilidades criativas, expressivas e constitutivas na Modernidade.

O surgimento da *Desfiguração* compreende o afastamento da representação da visualidade convencional e o surgimento da *Abstração* ou *Não Figuração* a partir de manifestações *Não Representativas*, *Não Objetivas* ou ainda *Informais*.

Tudo o que se produz e que não encontra parâmetros ou referências no mundo natural, no meio ou no ambiente é, genericamente, tomado como *Abstração*. Nesse sentido o *Abstrato* deve ser entendido como algo “sem referência natural” e não como algo fora da “realidade” como quer o dicionário. O campo da *Abstração* em *Arte Visual* é aquele no qual as obras não fazem referência ao visualmente conhecido, mas sim aos processos e procedimentos criadores do qual resultam imagens autônomas e únicas.

Desfiguração ou Abstração?

A Desfiguração aqui apontada não é algo pejorativo, negativo, mas o afastamento das representações do visível reconhecido.

Nesse caso o que se destaca nessas imagens são seus valores plásticos visuais relacionados à configuração e materialidade como: Forma, textura, manchas, cores, gestos, grafias, dimensões, detalhes, organização estrutural, espacial, conceitual, concepção estética, experimentação entre outras possibilidades expressivas desenvolvidas por meio de diferentes estratégias discursivas materiais ou virtuais, analógicas ou digitais.

Esse *desfigurar* quer dizer “sair da figura” e não deformar como parecia no contexto do Expressionismo. Embora nas explicações sobre a abstração se fale também em *Expressionismo Abstrato*, uma tendência que não perde a expressão mas busca a não figuração.

Devo dizer ainda que *Abstracionismo* não foi um *Movimento*, mas uma tendência instaurada no contexto da Modernidade que se mantém além dela.

Hoje em dia ainda temos muitos artistas que operam dentro das proposições abstratas lidando, inclusive, com questões mais conceituais e menos plásticas. A *Abstração* também veio para ficar.

Considera-se que a tendência abstrata surge partir da primeira década do século XX. A meu ver estimulada pelo Expressionismo que, por se afastar da obrigatoriedade de representar o visível com se vê no mundo natural, possibilitou também o afastamento definitivo dele.

A Abstração rompe com a visão retiniana do mundo, ou seja: “desmancha” o visível como se parece ao olhar e abre o universo das formas, da imaginação e da criação.

Desmanchar o visível não significa torna-lo “Invisível”, pois qualquer obra em Arte Visual, como o próprio nome diz, é visualizável, ou seja: “*Visível*”.

A Visualidade ou Visibilidade das obras de Arte Visual decorrem de seus processos constitutivos, de sua configuração e não de um modelo ou algo que se encontra fora dela. Como disse antes, elas decorrem dos processos constitutivos que lhes dão origem e existência constituindo sua própria visibilidade. Portanto, são autônomas e originais por definição e não uma imitação de algo visível.

As primeiras manifestações de caráter Abstrato surgem na primeira década do século XX, juntamente com as demais tendências estéticas do Modernismo. Um dos primeiros artistas dessa linhagem é Wassily Kandinsky.

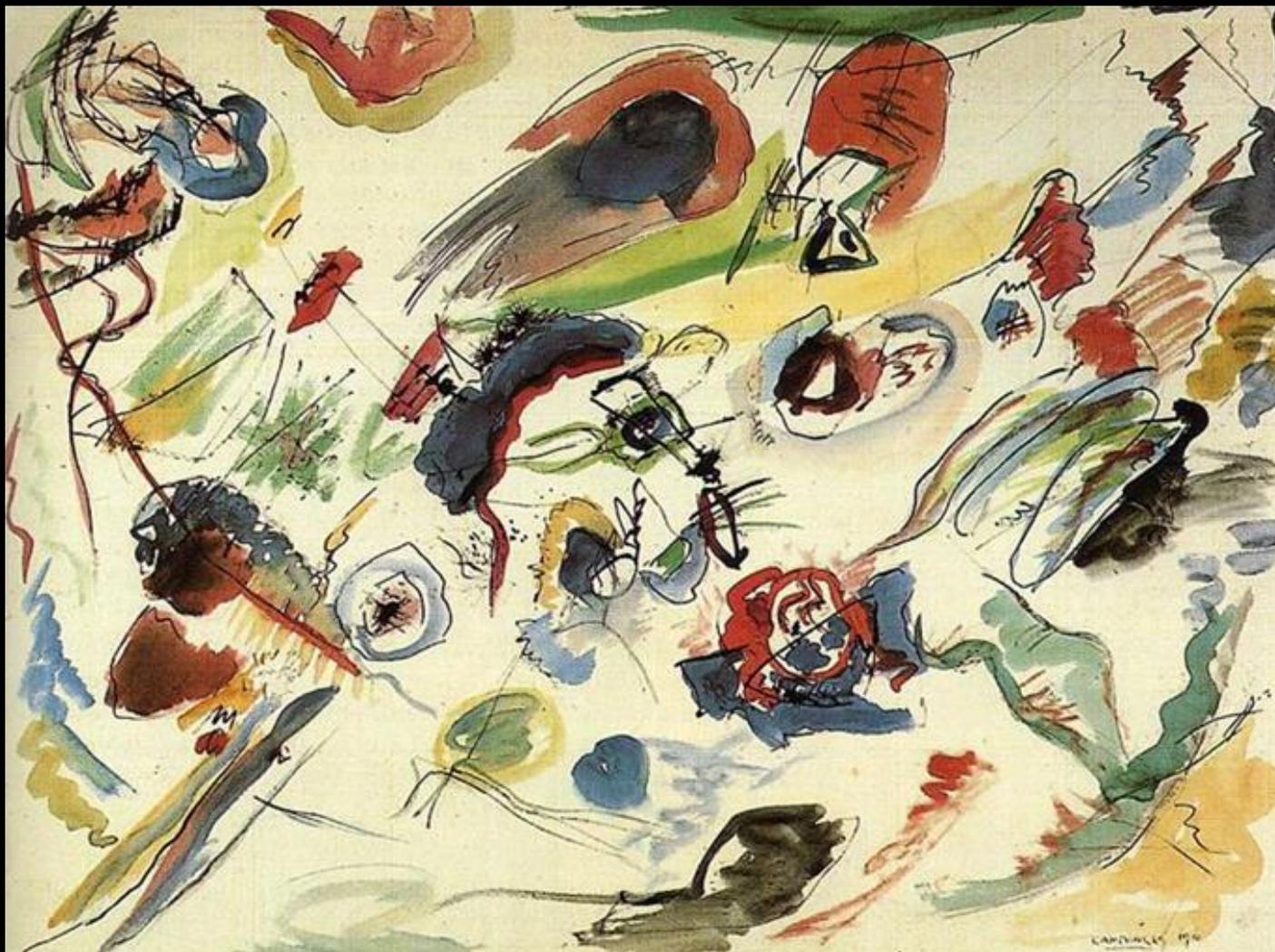
Wassily Wassilyevich Kandinsky, (1866-1944). Nasceu em Moscou, passou a infância em Odessa e se formou na Grekov Odessa Art School. Vai para a Alemanha em 1896 e estuda na Academia de Belas Artes de Munique.

Ensina na Escola Bauhaus de 1922 a 1933, quando ela é fechada pelo nazismo vai para Paris.

É também um dos primeiros teóricos da Abstração, seus livros: *Do espiritual na Arte*, de 1910 e *Ponto e linha frente ao Plano*, de 1926, abordam as questões do afastamento da representação do mundo visível e a construção das imagens no contexto da plástica.

Iniciado no Expressionismo, como participa do grupo de artistas de Munique: *Der Blaue Reiter* em 1911, Kandinsky considera que as questões temáticas, representativas e figurativas das Obras de Arte são apenas desculpas para organizar a forma, o espaço, a cor as relações entre elas e o suporte.

Nesse sentido o que importa não é necessariamente a representação do visível, mas transformar ideias, conceitos, valores plásticos em formas, cores, texturas, gestos e outros recursos discursivos em imagem, portanto, a *plástica* passa a ser mais importante do que a figuração.



Esta aquarela de 1910, é considerada a primeira obra abstrata de Kandinsky. Como se vê, não há qualquer relação entre a imagem criada e o mundo natural, ela surge das intervenções e variações gestuais entre instrumento, material e suporte. É um registro da gestualidade promovida pelo autor e, como tal, não corresponde a algo externo a ela.



Composição IV de 1911. Não há relações sobre o mundo visível, mas das formas entre si.



Improvisação, Dreamy, 1913.

Seguindo a linha “Kandinskyana”, podem ser encontradas obras de outros artistas precursores desta tendência e Movimentos que vão expandir esta estratégia discursiva.

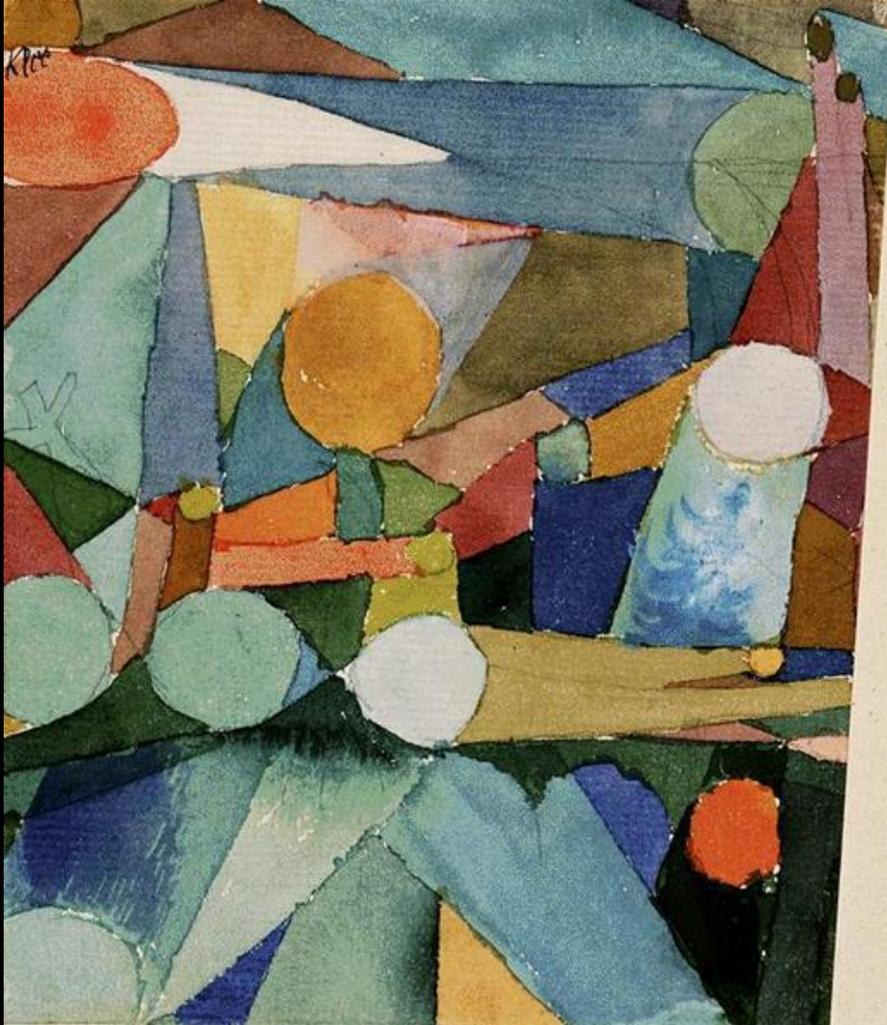
Com eles a questão da Abstração vai ocupar seu lugar na História da Arte assim como outros artistas e movimentos também o fizeram.

Uma boa parte deles compõem as Vanguardas Russas como o Construtivismo, Suprematismo e Raionismo que reforçam a postura abstrata, mas a partir de com uma base geométrica, mais racionalista e menos intuitiva, menos gestual.

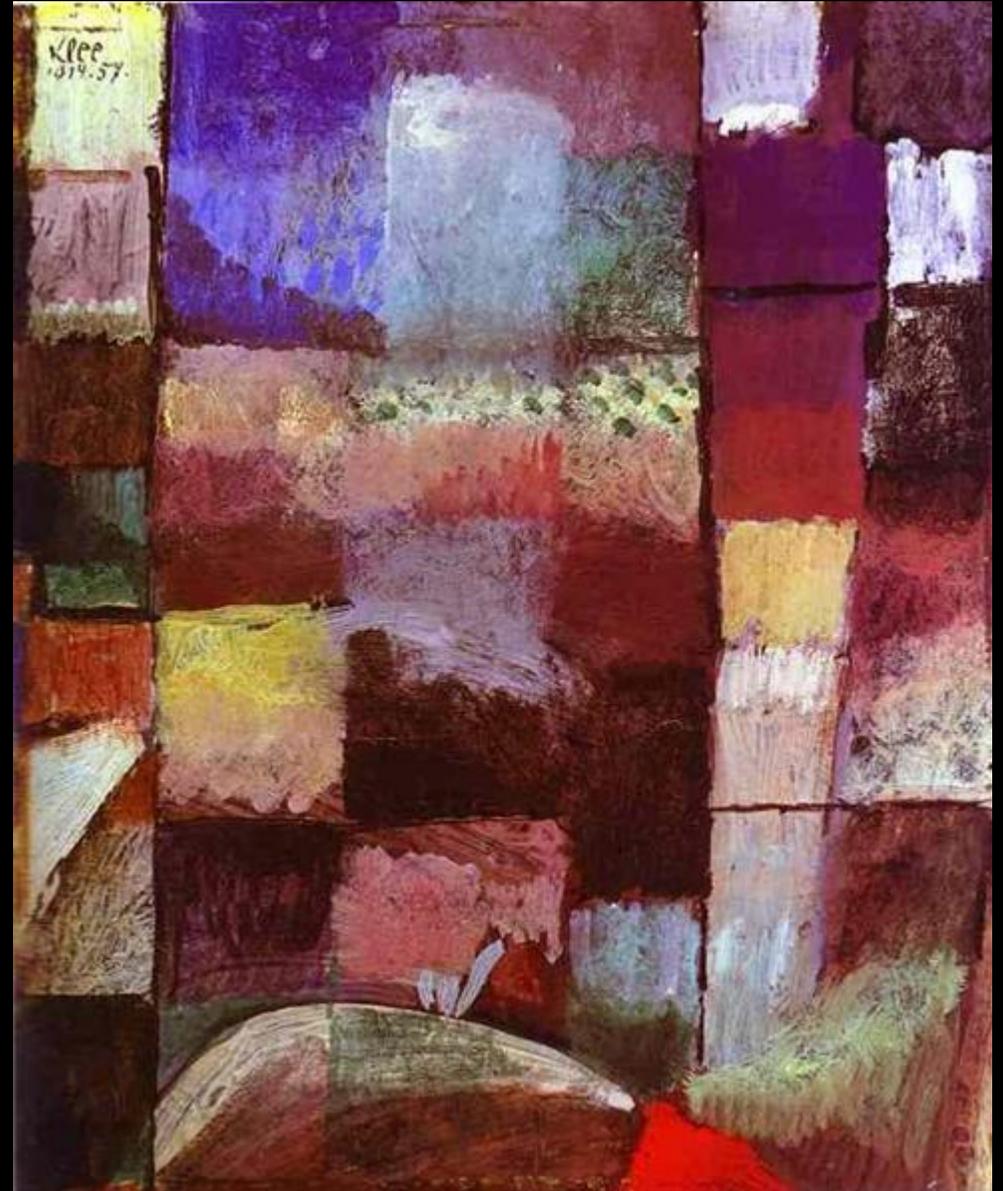
Na Holanda Encontra-se o Neo-Plasticismo iniciado por Piet Mondrian e Theo van Doesburg, este também fundador do Concretismo. Na França surge o Orfismo. No Brasil, vários artistas adotaram essa postura, especialmente após a primeira Bienal de São Paulo, na qual é apresentada a obra Concretista, Unidade Tripartida de Max Bill. Fazendo com que a abstração se estabeleça aqui com mais vigor a partir dos anos 1950.

Enfim, numa visão rápida, pode-se constatar expansão dessa tendência que passa a ocupar o mundo todo... Não se pode dizer que todas sejam iguais, cada uma defende suas proposições, tendências e características próprias embora aqui sejam tratadas como um campo de manifestação abrangente.

Paul Klee, (1879-1940),
é um dos precursores da abstração.



Formas de cor, 1914.

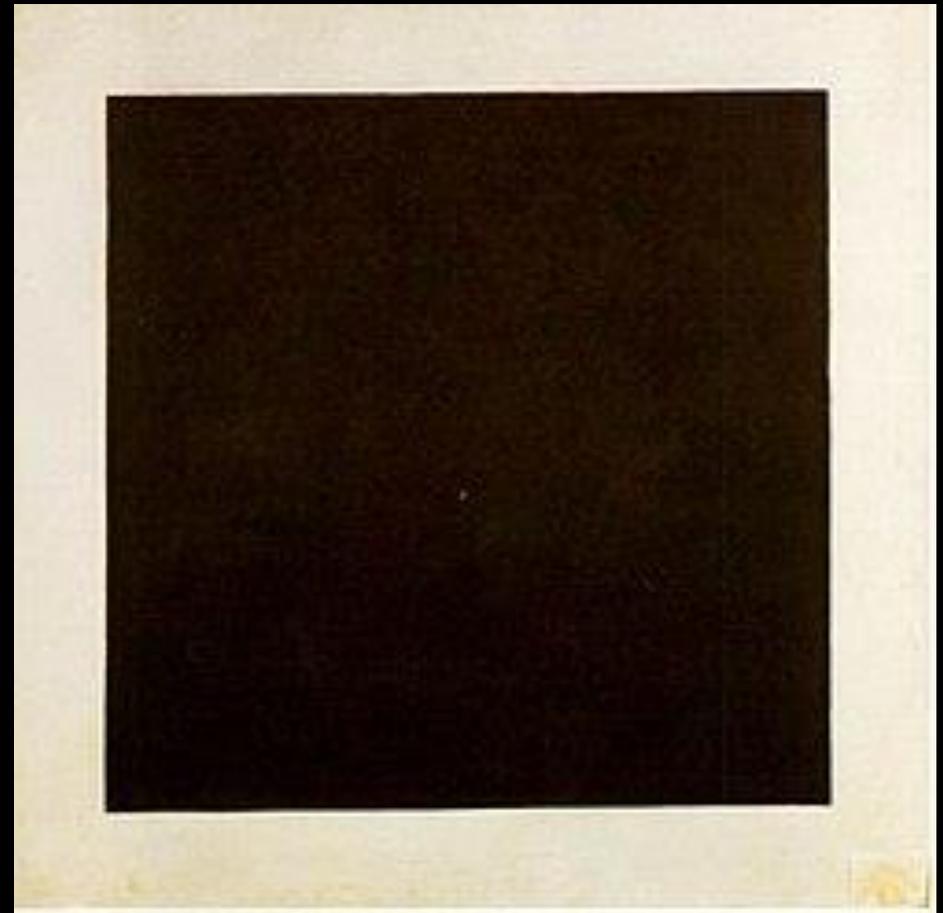


Hamamet, 1914.

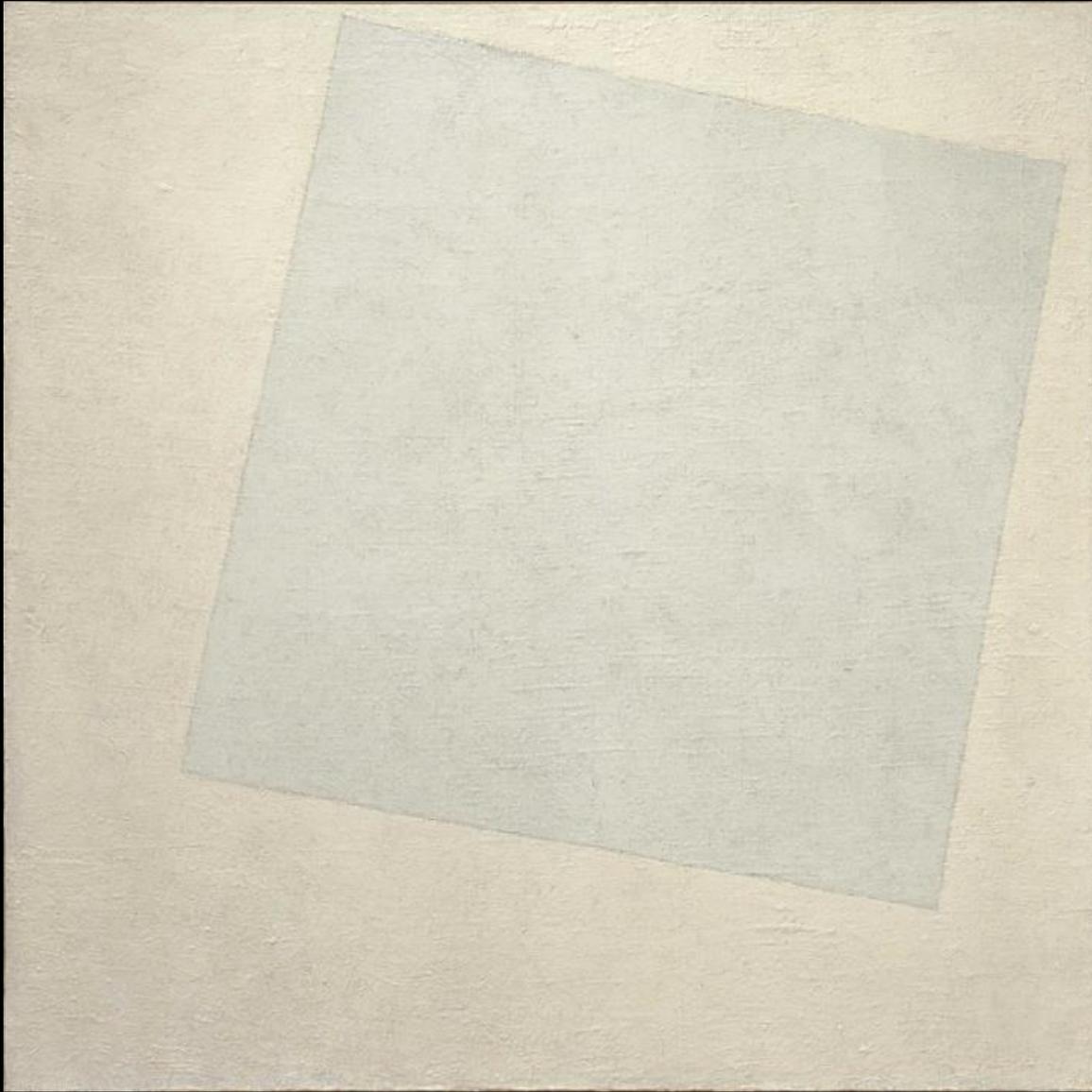
As chamadas Vanguardas Russas surgiram entre 1890 e 1930.

O *Suprematismo* surge em 1913. É baseado em figuras geométricas simples como o círculo e o quadrado e cores puras. Proposto por Kasemir Malevich (1789-1935).

Faz parte do chamado *Abstracionismo Geométrico* no qual as figuras, ao invés de serem aleatórias e surgirem da condução gestual são tomadas emprestadas da geometria. A principal característica é o uso de figuras geométricas simples e cores básicas variando a cromaticidade, dimensões e formatos.



Uma das obras mais emblemáticas desse movimento é Quadrado Preto sobre Fundo Branco de Malevich.



Kasimir Malevitch, Quadrado branco sobre fundo branco, 1918, se mostra como a essência do Suprematismo.



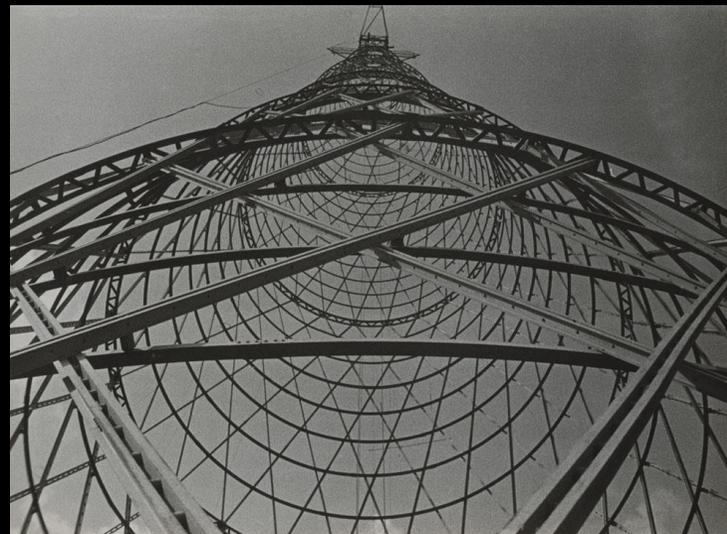
Participa também
Lazar Markovich
Lissitzky (1890-1941),
El Lissitzky.

Aqui uma de suas
obras: Proun, 1922.

O *Construtivismo* surge também em 1913 e segue uma orientação parecida com o Suprematismo, mas nega a questão subjetiva das manifestações artísticas. Entende que a Arte deve se apropriar dos desenvolvimentos sociais e tecnológicos, usar e se basear nisso para produzir suas obras.

Alexander Rodchenko (1891-1956). É o proponente e um dos principais representantes desse movimento.

Embora trabalhe com Fotografia, procura abstrair as coisas do mundo natural destacando as variações tonais, gráficas e espaciais destituindo suas referências visuais originais.



O *Raionismo* surge com Mikhail Fyodorovich Larionov (1881-1964) e Natalia Sergeevna Goncharova (1881-1962). A proposta era trabalhar a sensação de movimento a partir do uso de linhas e cores.

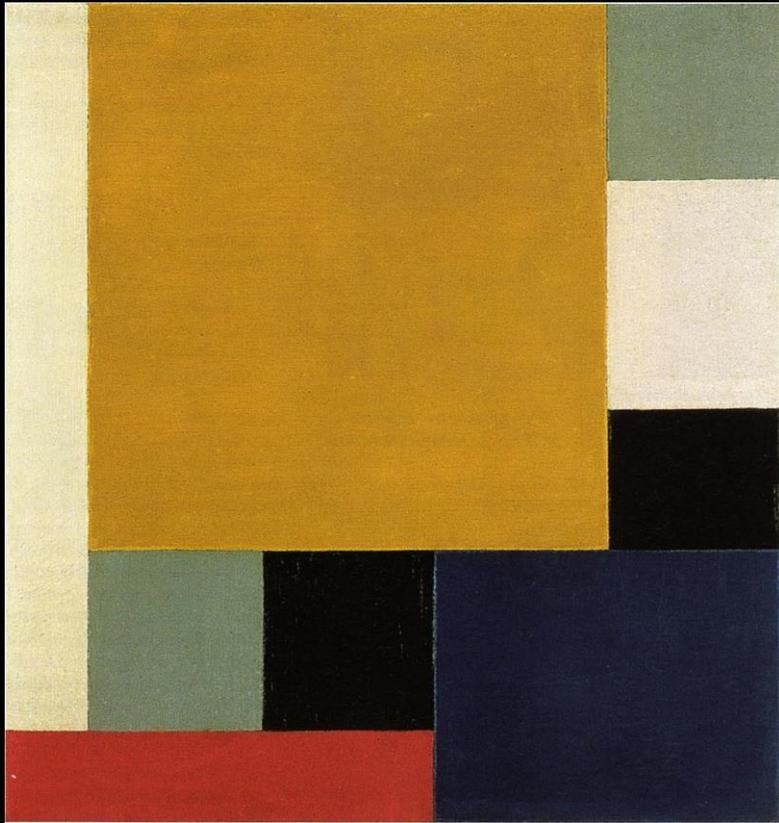


Larionov.

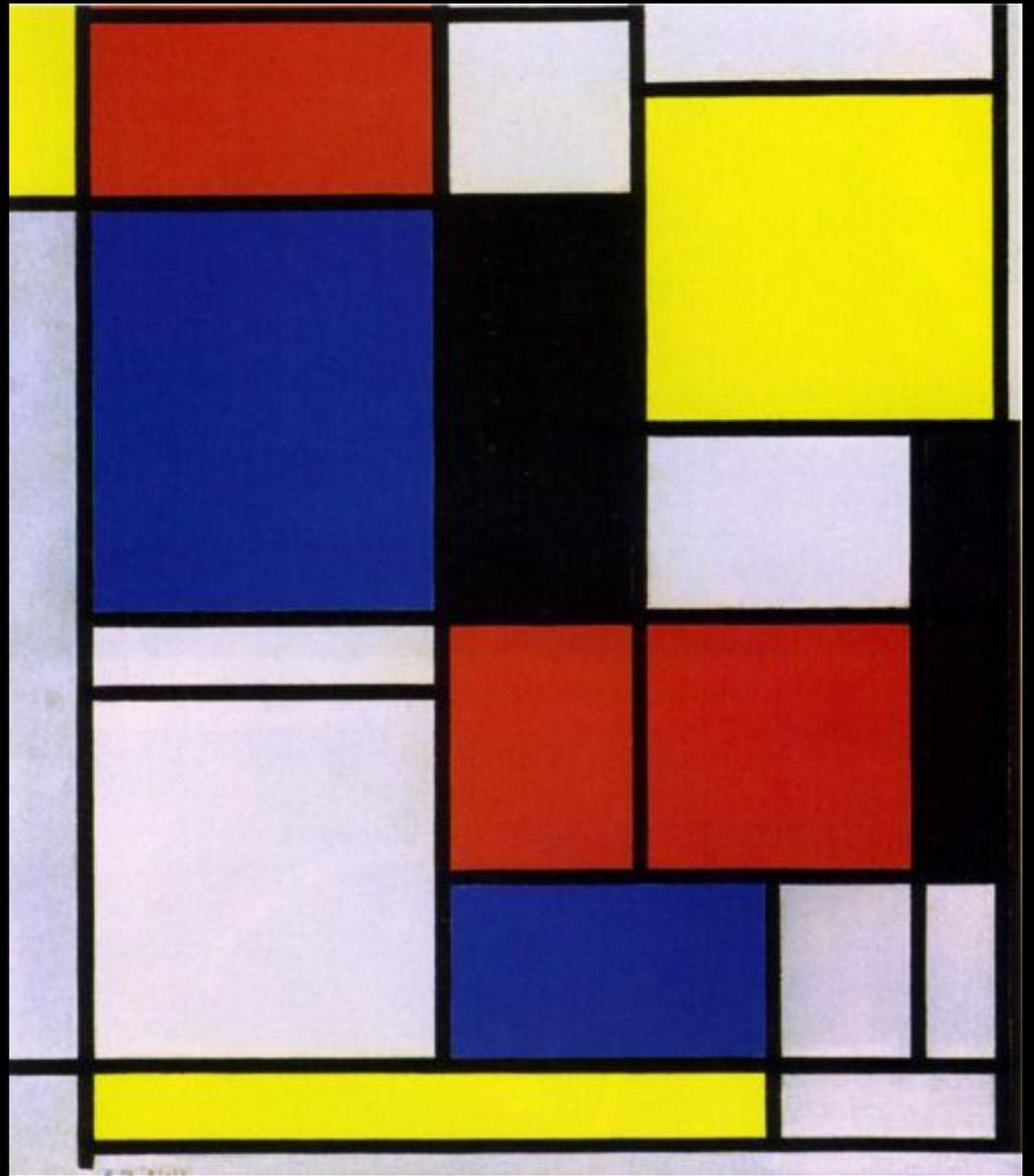


Goncharova.

O *Neoplasticismo* surge em 1917 com Piet Modrian (1872-1944) e Theo Van Doesburg (1833-1931) fundadores da revista *De Stijl* dedicada a difundir o movimento. Sua proposição é a realização de obras a partir de formas e cores básicas.



Theo van Doesburg.



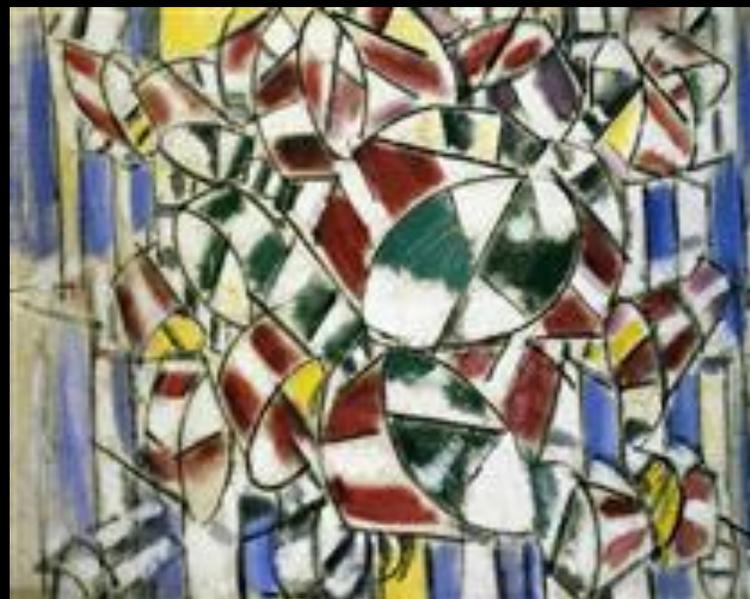
Piet Mondrian

O *Orfismo* surge na França em 1912 a partir da proposta de Robert Delaunay (1885-1941), com a participação de Francis Picabia (1859-1933) e Ferdinand Léger (1881-1955).

A proposta básica era trabalhar com o disco cromático e figuras geométricas circulares.



Delaunay.



Léger.



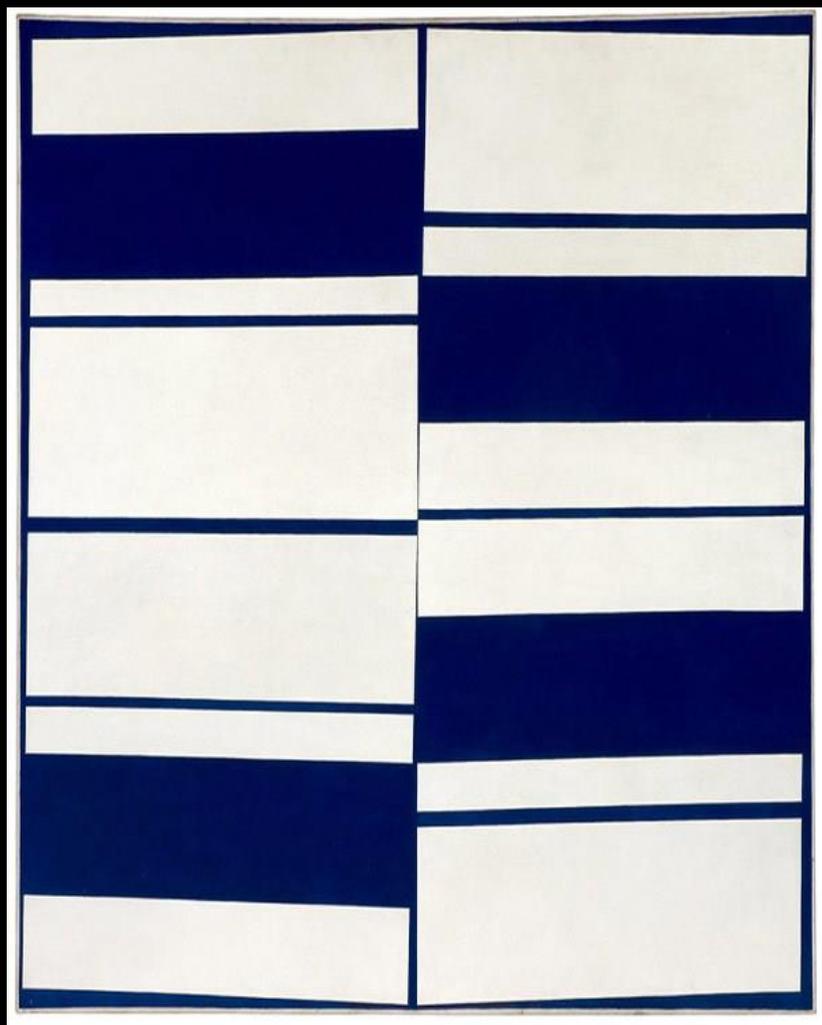
Picabia.



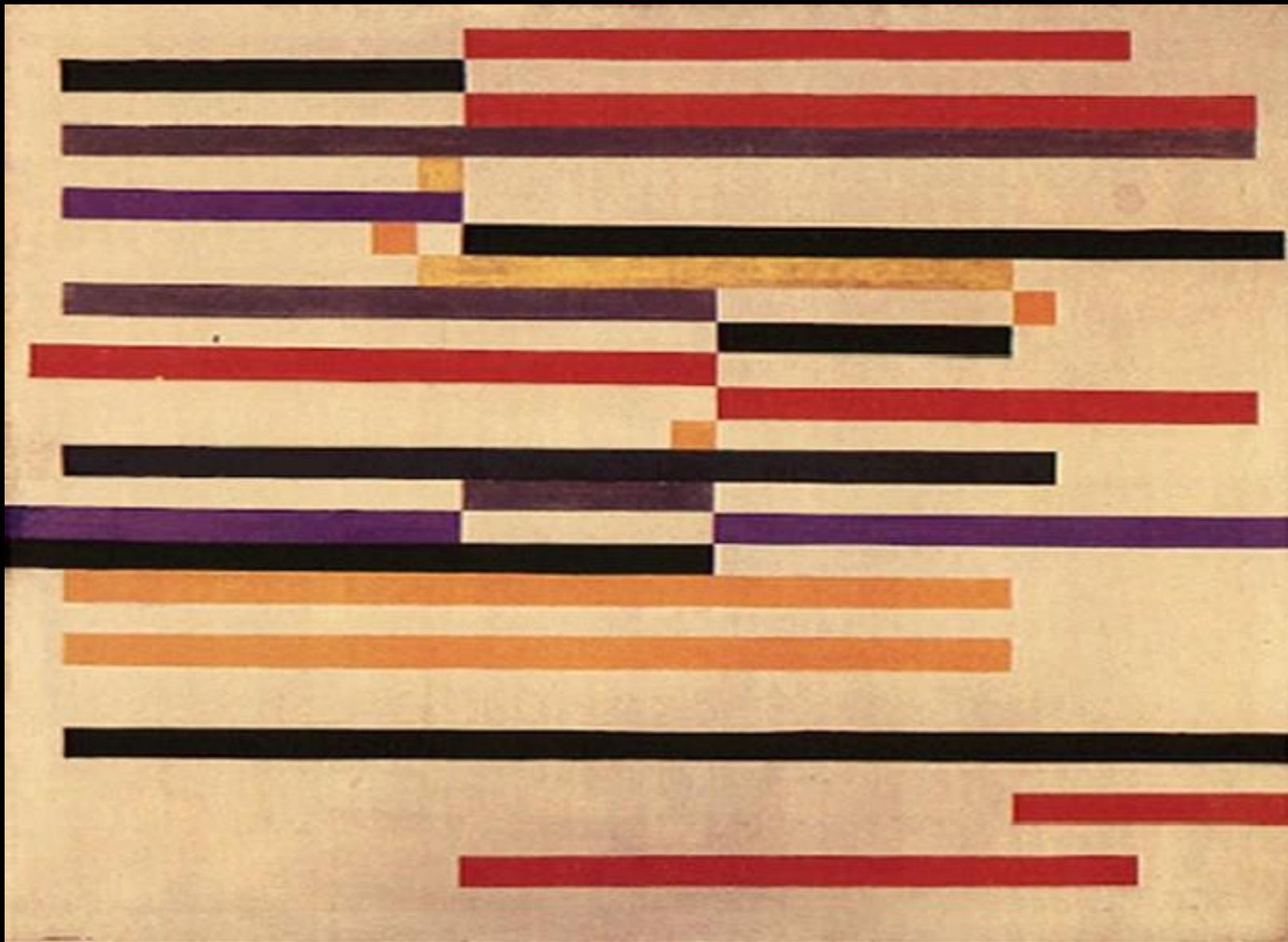
Max Bill, Unidade tripartida, 1948-49. Participa da 1ª. Bienal de São Paulo em 1951 e vai se tornar uma influência abstrata no contexto da Arte no Brasil.



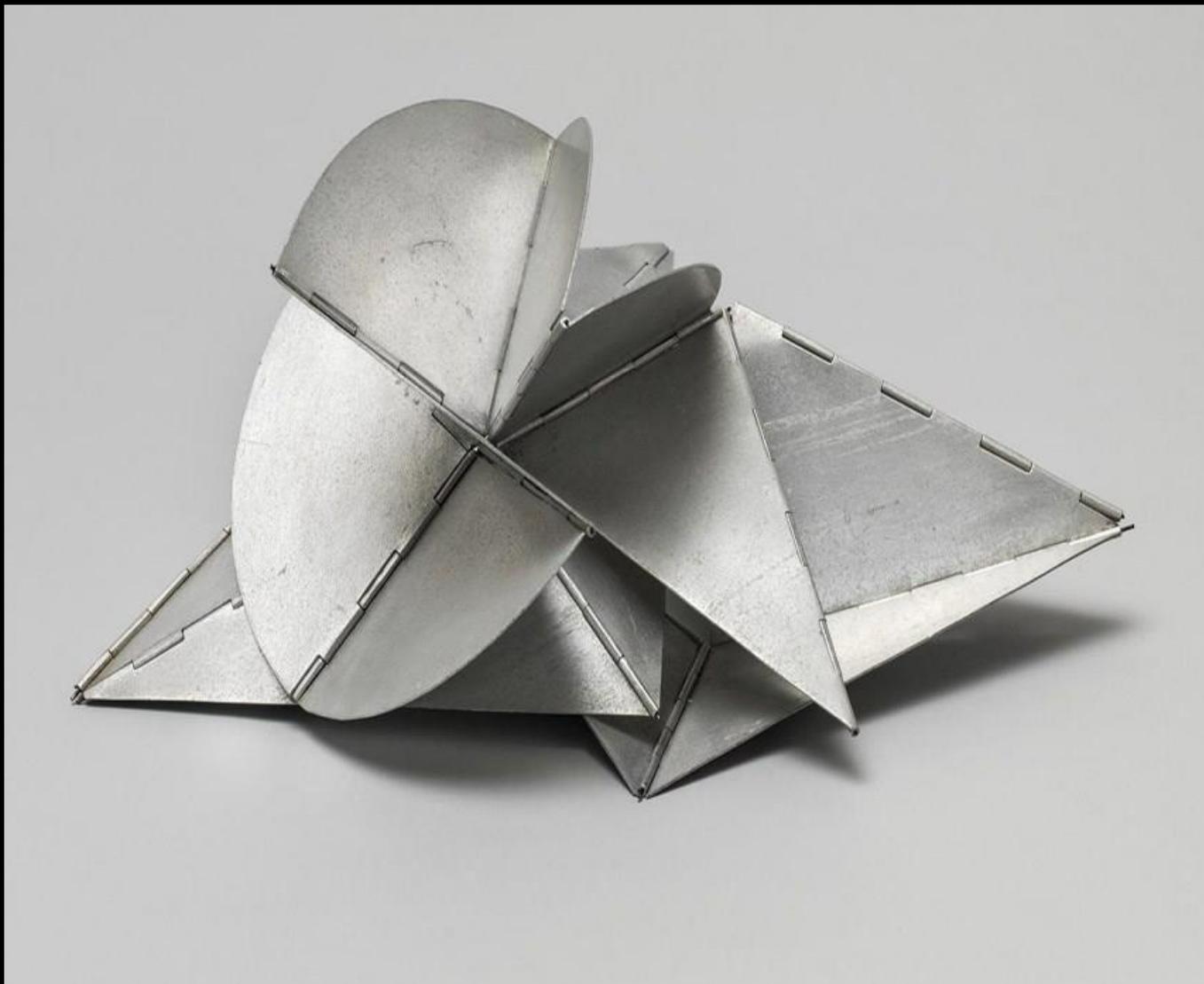
Paisagem Agreste, 1959. Antonio Bandeira (1922-1967), artista pernambucano que se torna um dos representantes da Abstração no contexto nacional.



Também no Brasil: Ivan Serpa (1923-1973), *Faixas Ritmadas*, 1958, a esquerda e Manabu Mabe (1924-1997), *sem título*, 1985, a direita.



Waldemar Cordeiro (1925-1973), movimento, 1951.



Lygia Clark (1920-1988), *Creature*, 1964. Uma particularidade na obra de Clark é que suas estruturas são manipuláveis e variam sua aparência na medida em que são rearticuladas.

Como coloquei no início, *Desfiguração* é aqui apenas uma abordagem pois falo da questão da *Abstração* que, em síntese, é o afastamento da visualidade convencional.

Volto a dizer que *Abstração* não foi um movimento mas uma postura adotada por vários artistas desde os primeiros anos de consolidação do Modernismo.

Essa postura parte do pressuposto de que a imagem criada pela Arte não tem que ser necessariamente uma imitação, reprodução ou *mimesis* do mundo natural.

Os artistas têm o poder sobre seu processo de criação e suas obras de tal modo que podem fazer o que quiserem do modo como quiserem, independente de moda, gosto ou qualquer outra imposição feita ou promovida pelo sistema dominante.

Essa foi a lição que o Modernismo nos trouxe.

Portanto: *A Arte é livre, autônoma e pessoal.*

A Arte é o lugar no qual se poder exercitar a individualidade sem qualquer preconceito ou restrição: usem e abusem.

Como foi possível observar desde os primeiros anos do século XX, a tendência pela abstração foi ganhando adeptos e se consolidando como uma das mais importantes da contemporaneidade.

Pode-se dizer que há uma estética abstrata que ampara a estrutura formal das Obras de Arte. É possível perceber nas obras a força que determinadas estruturas, cores, grafias, texturas, dimensões impõem na apreensão, compreensão na obtenção da significação em busca dos sentidos destas imagens.

A ausência de figuras não importa já que a essência estrutural, eidética, formante e matérica subjaz à configuração da Obra.

Mesmo que não se tenha título, enredo, narrativa a obra diz o que diz por meio de sua estrutura e estratégias discursivas.

Por isso digo que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.